

O ÁLVARO DE CAMPOS, *ATHENA* E A FILOSOFIA

ÁLVARO DE CAMPOS, *ATHENA* AND PHILOSOPHY

Nuno Ribeiro¹

RESUMO: A revista *Athena* configura-se para Fernando Pessoa como um palco de debate filosófico e o ensaio “O que é a metafísica?” do heterónimo Álvaro de Campos assume um papel fundamental nesse debate, na medida em que mobiliza um conjunto de conceitos em torno de metafísica e arte fundamentais para a compreensão da constituição de uma filosofia da pluralidade em Pessoa. Assim, tendo por base o texto “O que é a metafísica?” em confronto com textos filosóficos do espólio de Pessoa assinados por outras personalidades literárias do autor português, o presente artigo visa mostrar a importância desse texto de Álvaro de Campos no quadro da constituição de um pensamento filosófico plural nos escritos pessoanos.

PALAVRAS-CHAVES: Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, *Athena*, filosofia, heteronímia.

ABSTRACT: The magazine *Athena* appears to Fernando Pessoa as a stage for philosophical debate and the essay “What is metaphysics?” written by the heteronym Álvaro de Campos plays a fundamental role in this debate, for it mobilizes a set of concepts around metaphysics and art that are fundamental to understanding the constitution of a philosophy of plurality in Pessoa. Thus, based on the text “What is metaphysics?” in comparison with philosophical texts from Pessoa’s Archive signed by other literary personalities of the Portuguese author, this article aims to show the importance of this text signed by Álvaro de Campos in the context of the constitution of a plural philosophical thought in Pessoa’s writings.

KEYWORDS: Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, *Athena*, philosophy, heteronyms.

¹ Doutor em Filosofia, pela Universidade Nova de Lisboa com tese intitulada *Tradição e Pluralismo nos Escritos Filosóficos de Fernando Pessoa*. Licenciou-se em filosofia nessa mesma universidade. É investigador auxiliar contratado do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas), com um projecto (referência CEECIND/08872/2023) financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Concurso de Estímulo ao Emprego Científico Individual – 6ª Edição. E-mail: nuno.f.ribeiro@sapo.pt

A revista *Athena* constitui-se para Fernando Pessoa como um palco de debate filosófico e o ensaio “O que é a metafísica?” do heterónimo Álvaro de Campos assume um papel fundamental nesse debate, na medida em que mobiliza um conjunto de conceitos em torno de metafísica e arte fundamentais para a compreensão da constituição de uma filosofia da pluralidade em Pessoa. O texto intitulado “O que é a metafísica?” de Campos, publicado em 1924 no número 2 da revista *Athena*, configura-se como uma contra-resposta ao ensaio “Atena”, publicado por Fernando Pessoa ortónimo no primeiro número dessa revista. Logo no início do texto “O que é a metafísica?” de Álvaro de Campos lemos sobre a diferenciação entre este heterónimo e o seu criador a respeito da discussão em torno da metafísica e arte:

Na opinião de Fernando Pessoa, expressa no ensaio *Atena*, a filosofia – isto é, a metafísica – não é uma ciência, mas uma arte. Não creio que assim seja. Parece-me que Fernando Pessoa confunde o que a arte é com o que a ciência não é. Ora o que não é ciência, nem por isso é necessariamente arte: é simplesmente não-ciência. (Pessoa, 2023, p. 81)

Com efeito, ao longo do ensaio “Atena” de Fernando Pessoa encontramos múltiplos indícios da identificação entre arte e filosofia. Logo no início de “Atena”, Pessoa estabelece uma aproximação entre arte e ciência, caracterizando a forma de conhecimento científico enquanto um aperfeiçoamento da nossa ilusão do mundo e não como um acesso aos fundamentos da realidade. Lemos, nesse sentido, o seguinte trecho:

Pela arte nos aperfeiçoamos a nós; pela ciência aperfeiçoamos em nós o nosso conceito, ou ilusão, do mundo. Como, porém, o nosso conceito do mundo compreende o que fazemos de nós mesmos, e, por outra parte, no conceito, que de nós formamos, se contém o que formamos das sensações, pelas quais o mundo nos é dado; sucede que em seus fundamentos subjectivos, e portanto na sua maior perfeição em nós – que não é senão a sua maior conformidade com esses mesmos fundamentos – , a arte se mistura com a ciência, a ciência se confunde com a arte. (Pessoa, 2023, p. 75)

Na sequência do texto, encontramos, a propósito da discussão das artes que permitem um aperfeiçoamento permanente do homem, a explícita classificação da filosofia entre as artes superiores abstractas, conforme se lê no seguinte trecho:

As artes que por natureza ministram tal aperfeiçoamento são as artes superiores abstractas – a música e a literatura, e ainda a filosofia, que abusivamente se coloca entre as ciências, como se ela fora mais que o exercício do espírito em se figurar mundos impossíveis. (Pessoa, 2023, p. 78)

Apesar de o ensaio “O que é a metafísica?” de Campos apresentar uma demarcação relativamente às teses de Fernando Pessoa defendidas em “Atena”, encontramos, também por parte deste heterónimo uma tentativa de aproximação entre metafísica e arte, embora com uma estratégia argumentativa diferente daquela que é utilizada por Fernando Pessoa. De acordo com Álvaro de Campos, a metafísica não é essencialmente uma arte, mas antes uma ciência virtual. Aquilo que, segundo este heterónimo, distingue a arte e a metafísica é o fim que cabe a cada uma destas actividades. Para Campos, o fim da metafísica é, tal como na ciência, conhecer factos, enquanto o da arte consiste em substituir factos. No entanto, os factos que a metafísica procura conhecer encontram-se “in- ou mal-definidos” (Pessoa, 2023, p. 81) e, enquanto tal, ainda não são conhecidos, sendo essa a razão pela qual Álvaro de Campos classifica a metafísica como uma ciência virtual. Assim sendo, Campos propõe que se substitua provisoriamente a metafísica pela arte, enquanto a metafísica não atingir o conhecimento científico de factos bem definidos. É justamente neste sentido que encontramos a seguinte afirmação presente em “O que é a metafísica?”:

Ponhamos ainda mais a claro a discordância entre mim e Fernando Pessoa. Para ele a metafísica é *essencialmente* arte, e a sociologia, de que não fala, é naturalmente, ciência. Para mim são, ambas e igualmente, *essencialmente* ciências, não o sendo, porém, ainda, nem talvez nunca, mas por uma razão extrínseca e não intrínseca. Proponho, pois, que se substituam por artes *enquanto* não são efetivamente ciências, o que pode ser que seja sempre, dando-se então na prática, entre a minha teoria e a de Fernando Pessoa, aquela coincidência de efeitos que não é rara entre teorias não só diversas, mas absolutamente opostas.

Esclareço ainda mais... A metafísica pode ser uma actividade científica, mas também pode ser uma actividade artística. (Pessoa, 2023, p. 83)

Noutro trecho de “O que é a metafísica?” lemos igualmente a seguinte elucidação a respeito da diferenciação do posicionamento de Álvaro de Campos e de Fernando Pessoa:

A minha teoria, em resumo, era que (1) se deve substituir a filosofia por filosofias, isto é, mudar de metafísica como de camisa, substituindo à metafísica procura da verdade a metafísica procura da emoção e do interesse; e que (2) se deve substituir a metafísica pela ciência.

É fácil de ver como esta teoria, tendo na prática quase os mesmos resultados que o pensamento de Fernando Pessoa, é diferente dele. Não rejeito a metafísica, *rejeito as ciências virtuais todas*, isto é, todas as ciências que não se aproximaram ainda do estado, vá, “matemático”; mas, para não desaproveitar essas ciências virtuais, que, porque existem, representam uma necessidade humana, *faço artes delas*, ou, antes, proponho que se faça artes delas – da metafísica, metafísicas várias, buscando arranjar sistemas do universo coerentes e engraçados, mas sem lhes ligar intenção alguma de verdade, exactamente como em arte se descreve e expõe uma emoção interessante, sem se considerar se corresponde ou não a uma verdade objectiva de qualquer espécie. (Pessoa, 2023, p. 83)

Assim, para Campos a metafísica pode ser considerada em dois sentidos: 1) tendo em vista a sua finalidade a metafísica é uma ciência virtual, na medida em que aspira ao conhecimento científico de factos, embora essas factos a que aspira não encontrem o grau de definição que pretendem alcançar; 2) no entanto, enquanto não está na posse dos factos que ambiciona alcançar, a metafísica pode ser considerada como arte no sentido da fabricação de “sistemas do universo coerentes e engraçados, mas sem lhes ligar intenção alguma de verdade” (Pessoa, 2023, p. 83). A ideia de construção de “sistemas do universo coerentes e engraçados, mas sem lhes ligar intenção alguma de verdade” (Pessoa, 2023, p. 83) aponta já para uma natureza plural da filosofia enquanto actividade criadora de múltiplas formas de compreensão do mundo, sem que exija o carácter de verdade aos diferentes sistemas do universo construídos, o que fica ainda mais evidente pela circunstância de Campos afirmar explicitamente, no trecho acima citado, que “se deve substituir a filosofia por filosofias” (Pessoa, 2023, p. 83) ou ainda que se deve fazer “da metafísica, metafísicas várias” (Pessoa, 2023, p. 83).

Um texto importante para a compreensão do conceito de filosofia da pluralidade decorrente das teses apresentadas em “O que é a metafísica?” de Álvaro de Campos corresponde ao “Ultimatum” também publicado por Pessoa sob o nome desse heterónimo em 1917 no número único da revista *Portugal Futurista*, na qual encontramos uma das mais explícitas e elucidativas exposições do carácter plural da filosofia enquanto actividade criativa. É importante assinalar que no texto “O que é a metafísica?” publicado em *Athena* encontramos a referência ao “Ultimatum”, como se pode ler na seguinte passagem:

Pasmarão talvez destas considerações os que leram o meu *Ultimatum*, no *Portugal Futurista* (1917). Nesse *Ultimatum* lê-se sobre a filosofia uma opinião que parece, salvo que a precedeu, exactamente a mesma que a de Fernando Pessoa. Não é bem assim. A conclusão prática pode realmente ser

idêntica, mas a conclusão teórica, que é a prática para uma teoria, é diferente. (Pessoa, 2023, p. 83)

A afirmação presente nesse trecho aparece no contexto da demarcação entre a tese defendida por Campos em “O que é a metafísica?” e a defendida por Pessoa no ensaio “Atena”, e pretende deixar claro que existe uma conexão entre a filosofia da pluralidade apresentada no “Ultimatum” publicado em *Portugal Futurista* e “O que é a metafísica?” publicado na revista *Athena*.

A apresentação de uma filosofia da pluralidade no “Ultimatum” de Álvaro de Campos aparece na sequência da defesa da abolição do dogma da personalidade, do preconceito da individualidade e do dogma do objectivismo pessoal. No que respeita às consequências da abolição do dogma da personalidade em filosofia, lemos o seguinte trecho:

Em filosofia: Abolição do conceito de verdade absoluta. Criação da Super-Filosofia. O filósofo passará a ser o interpretador de subjectivites entrecruzadas, sendo o maior filósofo o que maior número de filosofias espontâneas alheias concentrar. Como tudo é subjectivo, cada opinião é verdadeira para cada homem: a maior verdade será a soma-síntese-interior do maior número destas opiniões verdadeiras que se contradizem umas às outras. (Pessoa, 2023, p. 135)

Nesse texto lemos explicitamente a afirmação de que a abolição do conceito de verdade absoluta em filosofia, decorrente da abolição do dogma da personalidade, conduz à criação de uma Super-Filosofia, entendida como a concentração do maior número de filosofias em contradição umas com as outras. A este respeito lê-se também no “Ultimatum” de Campos a seguinte afirmação sobre as consequências em filosofia da abolição do preconceito da individualidade:

Em filosofia: Abolição total da Verdade como conceito filosófico, mesmo relativo ou subjectivo. Redução da filosofia à arte de ter teorias interessantes sobre o “Universo”. O maior filósofo aquele artista do pensamento, ou antes da “arte abstracta” (nome futuro da filosofia) que mais teorias coordenadas, não relacionadas entre si, tiver sobre a “Existência”. (Pessoa, 2023, p. 136)

De acordo com esse trecho, outra das consequências da abolição do conceito filosófico de verdade, na sequência da abolição do preconceito da individualidade, corresponde à “Redução da filosofia à arte de ter teorias interessantes sobre o ‘Universo’” (Pessoa, 2023, p. 136), o que novamente mostra

como a consideração da filosofia enquanto arte conduz a uma visão filosófica plural, pois, como afirma Campos, a consideração da filosofia como arte conduziria à ideia de que o maior filósofo seria aquele que conseguiria congrega o maior número de teorias contraditórias.

No que respeita às consequências em filosofia decorrentes da abolição do dogma do objectivismo pessoal, encontramos mais uma vez implícita a ideia de concentração de uma pluralidade pontos de vista filosóficos diversos, como se depreende da seguinte passagem:

Em filosofia: Substituição do conceito de Filosofia por o de Ciência, visto a Ciência ser a Média concreta entre as opiniões filosóficas, verificando-se ser média pelo seu “carácter objectivo”, isto é, pela sua adaptação ao “universo exterior” que é a Média das subjectividades. Desaparecimento portanto da Filosofia em proveito da Ciência. (Pessoa, 2023, p. 137)

A caracterização das consequências da filosofia apresentadas por Álvaro de Campos no “Ultimatum”, na sequência da abolição do dogma da personalidade, do preconceito da individualidade e do dogma do objectivismo pessoal, corresponde ao programa daquilo que efectivamente viria a ser posto em prática por Pessoa com a criação de uma multiplicidade de personalidades encarregues de assumir pontos de vista filosóficos que dialogam e, muitas vezes, se contradizem uns aos outros a respeito dos mesmos temas.²

De facto, para além de Álvaro de Campos e do seu criador – Fernando Pessoa – encontramos no espólio pessoano inúmeros indícios de outras personalidades que participam neste debate no decurso do período heteronímico, isto é, no período que se segue ao mítico “dia triunfal” (Pessoa, 2012, p. 278) de 8 de Março de 1914, em que – de acordo com a carta sobre a génese dos heterónimos enviada por Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro com a data de 13 de Janeiro de 1935 – teria ocorrido a criação dos três heterónimos pessoanos

² Para uma consulta dos textos filosóficos de Fernando Pessoa atribuídos às suas múltiplas personalidades, remetemos para a edição de textos pessoanos intitulada *Envelopes Filosóficos: Filosofia & Heteronímia* (Pessoa, 2023), coordenada por Nuno Ribeiro, Cláudia Souza, Paulo Borges e Maria Celeste Natário, ou ainda para a edição *Escritos sobre Metafísica e Arte* (Pessoa, 2017), organizada por Cláudia Souza e Nuno Ribeiro, e que reúne os textos de Pessoa em torno do debate estético-filosófico no período heteronímico. Para um aprofundamento das temáticas em torno da filosofia da pluralidade em Pessoa e nas suas múltiplas personalidades indicamos ainda o livro *Fernando Pessoa e a Filosofia: Um estudo a partir do espólio* (Ribeiro, 2016) e *Fernando Pessoa entre Leituras e Poéticas* (Ribeiro, 2021), em particular o capítulo intitulado “‘A arte de construir sistemas’: Estética e Pluralismo Filosófico em Fernando Pessoa” (Ribeiro, 2021, pp. 113-139).

(Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis). Assim, num texto filosófico do heterónimo Ricardo Reis, outros dos intervenientes no debate filosófico heteronímico, lemos o seguinte trecho que sumariza as diferentes posições acerca da filosofia de Pessoa, de Campos e do próprio Reis, apresentando também a referência ao nome de António Mora:

Ricardo Reis. (cf. António Mora) — exemplo

[...]

Para Pessoa a filosofia é uma arte, para Campos é não uma arte, mas uma ciência virtual. Para mim nada é, ou, quando muito, é um simulacro de ciência, feita sem dados: — a tentativa de construir uma ciência original sem dados alguns. (Pessoa, 2023, p. 141)

António Mora, uma personalidade literária que Pessoa faz dialogar com os heterónimos, é outro dos intervenientes no debate filosófico como testemunha o texto intitulado “Introdução ao Estudo da Metafísica”, onde encontramos igualmente a seguinte defesa da filosofia como arte:

A filosofia entra na categoria da arte. – A filosofia foi primeiro uma “ciência”: tinha por fim descobrir a verdade para o fim utilitário de nos governarmos na vida; porque, se se julga que há uma vida futura, com castigos e recompensas, não é por certo pouco importante saber-se o que se deve fazer para evitar uns e merecer outros. Hoje a filosofia deve passar a ser uma arte – a arte de construir sistemas do Universo, sem outro fim que o de entreter e distrair, publicando belos sistemas.

[...] Todos os sistemas filosóficos devem ser estudados como obras de arte. (Nenhuma arte é feita *com o fim* de entreter, mas é para isso que ela serve. O artista toma o seu papel mais a sério.) (Pessoa, 2023, p. 90)

A tese de António Mora de acordo com a qual “a filosofia deve passar a ser uma arte – a arte de construir sistemas do Universo, sem outro fim que o de entreter e distrair, publicando belos sistemas” (Pessoa, 2023, p. 90) aponta, igualmente, para a plausibilidade de uma pluralidade de sistemas filosóficos, resultantes da actividade construtiva do espírito humano. Por outro lado, esta tese dialoga implicitamente com a ideia defendida por Campos em “O que é a metafísica?” de acordo com a qual a metafísica pode ser considerada como arte enquanto fabricação de “sistemas do universo coerentes e engraçados, mas sem lhes ligar intenção alguma de verdade” (Pessoa, 2023, p. 83).

Noutro fragmento de “Introdução ao Estudo da Metafísica”, Mora esclarece ainda que a metafísica pode ser considerada uma arte por apresentar as mesmas

características que compõem a obra de arte. É isso que nos diz António Mora na seguinte passagem:

A metafísica é uma arte, porque tem as 3 características da obra de arte: a subjectividade (isto é, o ser a expressão de um temperamento), a incerteza da base em que assenta, e a, directa, inutilidade prática. (Pessoa, 2023, p. 92)

No entanto, a criação de uma pluralidade personalidades encarregues de assumir uma multiplicidade de pontos de vista filosóficos é anterior à criação dos heterónimos e das outras personalidades criadas no período heteronímico. Na obra de Fernando Pessoa encontramos vários indícios que nos possibilitam constatar a atribuição de uma multiplicidade de textos filosóficos a diferentes personalidades pessoanas que no âmbito dos estudos pessoanos são designadas de pré-heterónimos, como é o caso de Charles Robert Anon, Horace James Faber, Alexander Search, A. Moreira, Faustino Antunes e Frederick Waytt, conforme se pode constatar na edição de textos de Fernando Pessoa intitulada *Envelopes Filosóficos* (cf. Pessoa, 2023). Os pré-heterónimos correspondem a personalidades fabricadas pelo poeta e pensador português no período anterior à criação dos heterónimos, isto é, antes do mítico “dia triunfal” (Pessoa, 2012, p. 278) de 8 de Março de 1914. A respeito da criação de personalidades anteriores ao surgimento dos heterónimos lemos a seguinte afirmação pessoana na carta de 13 de Janeiro de 1935:

Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos). Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irrealis que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar. (...)

Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais esta, sucedida já em maioridade. (Pessoa, 2012, pp. 276-277)

Um aspecto interessante relativamente à dimensão plural dos textos filosóficos criados no período pré-heteronímico diz respeito à circunstância de encontrarmos uma tematização da questão da pluralidade que, em muitos

aspectos, antecipa as teses de Álvaro de Campos sobre a criação de uma Super-Filosofia, entendida como a concentração do maior número de filosofias em contradição umas com as outras. Encontramos um claro exemplo disso no texto, datável de 1906, com o título “Plausibilidade de Todas as Filosofias” [“Plausibility of All Philosophies”] – assinado conjuntamente pelos pré-heterónimos Horace James Faber e Charles Robert Anon – onde lemos a seguinte afirmação:

(...) eu e vós, podemos de *uma* coisa tirar conclusões diferentes e da mesma maneira também. Assim, todas as filosofias são boas e todas são plausíveis como podemos constatar na nossa confusão moral. Todas as filosofias, teorias de sonhos através das nossas lentes, são possíveis.

[(...) I and thou, we may from *one* thing draw different conclusions and in the same manner too. Thus all philosophies are good, and all are plausible as we in our moral confusion can find. All philosophies, dream-theories through our lens, are possible.] (Pessoa, 2023, pp. 59-60)

Nesse texto, encontramos a explícita afirmação de que podemos extrair diferentes conclusões a partir de um mesmo assunto ou objecto e que, por conseguinte, todas as teorias, inclusivamente teorias opostas, são possíveis. A ideia defendida por Faber e Anon, de acordo com a qual todas as filosofias são plausíveis, antecipa a tese de Campos defendida no “Ultimatum” de que “cada opinião é verdadeira para cada homem” (Pessoa, 2023, p. 135) e que, por conseguinte, “a maior verdade será a soma-síntese-interior do maior número destas opiniões verdadeiras que se contradizem umas às outras” (Pessoa, 2023, p. 135).

Outro dos intervenientes no palco filosófico pessoano que viria a assumir um ponto de vista adicional sobre a pluralidade, importante para a compreensão da filosofia da pluralidade em Álvaro de Campos, corresponde ao pré-heterónimo Alexander Search, que nos deixa o seguinte trecho:

Milhares de teorias, grotescas, extraordinárias, profundas, sobre o mundo, sobre o homem, sobre todos os problemas que pertencem à metafísica passaram pela minha mente. Tive em mim milhares de filosofias, das quais nem mesmo duas – se fossem reais – concordariam. Todas as ideias que eu tive, se fossem escritas, teriam sido um grande estorvo para a posteridade; mas pelo carácter muito peculiar de minha mente, assim que a teoria, a ideia me atingia logo desaparecia, e, após eu ansiar senti-la, um momento depois não me lembrava de nada – de absolutamente nada do que poderia ter sido. Assim, a memória, tal como todas as minhas outras faculdades, predispõe-me a viver num

[Thousands of theories, grotesque, extraordinary, profound, on the world, on man, on all problems that pertain to metaphysics have passed through my mind. I have had in me thousands of philosophies not any two of which – as if they were real – agreed. All the ideas I had if written down had been a great cheque on posterity; but by the very peculiar character of my mind, no sooner did the theory, the idea struck me than it disappeared, and after I ached to feel that one moment after I remembered nothing – absolutely nothing of what it might have been. Thus memory, as all my other faculties predisposed me to live in a dream.] (Pessoa, 2023, p. 61)

Esse texto assinado por Alexander Search evoca, mais uma vez, a questão da pluralidade de filosofias. De facto, o texto fala-nos de “Milhares de teorias” [“Thousands of theories”] (Pessoa, 2023, p. 61) contraditórias entre si sobre o mundo, o homem e a metafísica, aludindo a “milhares de filosofias das quais – como se fossem reais – nem mesmo duas concordariam” [“thousands of philosophies not any two of which — as if they were real — agreed”] (Pessoa, 2023, p. 61), bem como ao carácter transitório, evanescente e onírico dessas diversas teorias filosóficas. No texto de Alexander Search encontramos, então, outros dos indícios que estão na génese da ideia defendida por Campos no “Ultimatum” de acordo com a qual “o maior filósofo [é] o que maior número de filosofias espontâneas alheias concentrar” (Pessoa, 2023, p. 135) ou ainda que o “maior filósofo [é] aquele artista do pensamento, ou antes da ‘arte abstracta’ (nome futuro da filosofia) que mais teorias coordenadas, não relacionadas entre si, tiver sobre a ‘Existência’.” (Pessoa, 2023, p. 136)

As considerações que temos vindo a apresentar possibilitam compreender o lugar central do pensamento filosófico atribuído por Pessoa a Álvaro de Campos na medida em que a filosofia da pluralidade desse heterónimo permite iluminar a criação daquilo que efectivamente viria a ser posto em prática por Pessoa, ao longo dos diversos períodos da produção de textos filosóficos, com a criação de uma multiplicidade de personalidades encarregues de assumir pontos de vista filosóficos contraditórios entre si e que encontram espaço de diálogo no universo filosófico-literário pessoano.

Referências

PESSOA, Fernando. **Envelopes Filosóficos: Filosofia & Heteronímia**. Coordenação científica, introdução, posfácio e selecção de Nuno Ribeiro, Cláudia Souza, Paulo Borges e Maria Celeste Natário. Porto: Instituto de Filosofia da Universidade do Porto/U.Porto Press, 2023.

PESSOA, Fernando. **Escritos sobre Metafísica e Arte**. Organização, introdução e notas de Cláudia Souza & Nuno Ribeiro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

PESSOA, Fernando. **Teoria da Heteronímia**. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

RIBEIRO, Nuno. **Fernando Pessoa e a Filosofia: Um estudo a partir do espólio**. Lisboa: Apenas Livros, 2016.

RIBEIRO, Nuno. **Fernando Pessoa entre Leituras e Poéticas**. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2021.